

## ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: A INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORES E PAIS

OLIVEIRA, Karoline Aparecida<sup>1</sup>  
SANTOS, Felipe José<sup>2</sup>  
TORRES, Paloma<sup>3</sup>  
MARCONDES, Karolyne Schafer<sup>4</sup>  
OLIVEIRA, Deyvid Alan Silva<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente artigo possui como objetivo a abordagem de elementos da relação entre pais e professores na esfera educacional, tendo o foco na orientação de práticas mais adequadas quanto à educação e acompanhamento da aprendizagem da criança, tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Tal trabalho é necessário haja vista saber-se ser de suma importância a interação e entrosamento entre a família e a escola, sendo fator crucial para o aprimoramento das relações do aluno com a aprendizagem, a escola, a família, bem como com os fatores sociais, visando orientar e apontar melhores caminhos e alternativas com o intuito de fortalecimento da interação supracitada. O trabalho dar-se-á por meio de pesquisas bibliográficas de autores ligados à educação e à psicologia que discorrem sobre o assunto. Dentre os autores que fundamentarão este trabalho, tem-se: Berger e Luckmann (1973), Perrenoud (1999), Fevorini (2009) e Araujo (2005). A metodologia utilizada será a revisão de literatura, a qual se baseará na pesquisa de autores, suas opiniões e suas contribuições para melhorar a interação entre a família e a escola. A análise dos dados coletados, será realizada na perspectiva da orientação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família, escola, relação; aprendizagem; aluno.

### EDUCATIONAL ORIENTATION: THE INTERACTION BETWEEN TEACHERS AND PARENTS

### ABSTRACT

Article present has as objective one Element Approach Relationship Between Parents and teachers in the educational sphere, having the focus on Practice Guidance More appropriate Regarding Education and Monitoring of Learning Child, both in the family environment As any school. Such work and required Haja view know is short of sor importance to interaction and rapport between the family school and, BEING key factor for the improvement of relations to students with learning, school, family, and with the Social Factors, aiming to guide and point best paths and alternatives to strengthening aim of supracitada. O Interaction Working give up her for Medium bibliographical Research Authors Linked to Education and psychology que expound on the subject. Among the authors que will base this work, HAVE YOURSELF: Berger and Luckmann (1973), Perrenoud (1999), Fevorini (2009) and Araújo (2005). The methodology used Sera a literature review, the qua be based on the Authors of Research, ITS YOUR Opinions and contributions to improve the interaction between one family and a school. The analysis of data collected, will be carried out in guidance perspective

**KEY-WORDS:** family, school, relationship; learning; student.

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Letras do Centro Universitário Assis Gurgacz - E-mail: 03kaoliveira@gmail.com

<sup>2</sup>Acadêmico do curso de Letras do Centro Universitário Assis Gurgacz - E-mail: fsantos579@gmail.com

<sup>3</sup>Acadêmica do curso de Letras do Centro Universitário Assis Gurgacz - E-mail: paahtorres123@bol.com.br

<sup>4</sup>Acadêmica do curso de Letras do Centro Universitário Assis Gurgacz - E-mail: karolynegesc@gmail.com

<sup>5</sup>Professor orientador, Esp. em Assessoria de Comunicação e Marketing; Docência do Ensino Superior; Gestão e Docência na Educação a Distância. Mestrando em Educação pela UNIOESTE. - Email: [deyvid@fag.edu.br](mailto:deyvid@fag.edu.br)

## 1. INTRODUÇÃO

Algumas práticas comuns vivenciadas pelas famílias e pelas escolas geram fatores negativos no indivíduo em formação, como o extremismo da punição x extremismo da liberdade, são extremamente prejudiciais no desenvolvimento da criança como ser social. A falta de afetividade e de interesse dos pais pelas questões educacionais (e também pela escola como instituição) e a falta de ações da escola que visem acolher e possivelmente orientar os pais a serem mais presentes na escola, também são fatores que prejudicam o aprendizado do aluno.

As dificuldades existentes na esfera educacional tornam a aprendizagem extremamente desgastante, tanto para os educadores e alunos, quanto para os pais, já que o aluno apresenta diversas dificuldades, que muitas vezes não são facilmente sanadas, ante a ausência da interação entre escola e família, possibilitando o rompimento do aluno com a prática do estudo.

A interação visa a prevenção e facilitação da identificação de empecilhos quanto à educação da criança, para que essa possa ser guiada e acompanhada no processo de aprendizagem e crescimento como indivíduo.

A importância do tema na atualidade é extrema, já que são grandes os problemas relacionados a esse assunto, sendo buscado o objetivo de esclarecer alguns pontos de grande relevância, como: a importância da educação, as funções que competem aos pais com relação a escola, a necessidade de limites na vida da criança. Este artigo foi feito por meio da revisão de literatura.

Marques (1997), traz sob esta ótica, que houve um tempo em que os pais viam a escola como um local onde deixavam as crianças, pois não haviam muitas escolas, o que não lhes possibilitava escolher a que mais lhes agradava, fazendo com que os pais e a própria escola não mantivessem uma boa relação.

Já Silva (2003), afirma: “percebemos que em qualquer conversa informal com os professores, a família vem à baila geralmente como vilã pelas mazelas vividas no cotidiano escolar”, mas não é só a família, temos também profissionais que perante uma situação específica ficam sem saber o que fazer, não se pode colocar a culpa apenas na família tendo entendimento e que não existem apenas bons profissionais no mundo.

Levando-se em conta os estudos citados, ao verificarmos que parte da falta de aprendizado dá-se por conta da falta de interação entre a família e a escola, parte-se da hipótese de que o aprendizado seria mais produtivo se a família colabora-se com a escola e vice e versa. Assim, se faz

necessário a junção de opiniões para que se chegue em um método para que esta interação aconteça e do modo correto para que produza efeitos sobre a aprendizagem.

## 2. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO

Nos primórdios da civilização a família era responsável pela instrução e formação do conhecimento da criança. Com o progresso da educação e uma maior necessidade de orientação adequada, a burguesia passa a ser educada por filósofos, obtendo conhecimentos gerais superiores à maior parcela social. Nessa condição, os pais começam a distribuir a educação dos filhos com educadores “especializados”, até que a educação se torna obrigatória, as leis em defesa da criança são criadas e a família passa a dividir a responsabilidade da educação dos filhos com a escola. Conforme o art. 2º da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a educação é de dever da família e do estado, tendo por finalidade “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Portanto é inegável que ambas as partes, escola (estado) e família, estejam incumbidas da formação da criança, cada um a seu modo e com suas devidas práticas educacionais.

Analisando a progressão história, o que intriga é: Por que a escola necessitou se tornar obrigatória? Segundo Perrenoud, citado por Ramos (2000): “porque as crianças não tinham espontaneamente vontade de frequentá-las, nem os pais a necessidade de confiar seus filhos a ela”. E atualmente, os pais e alunos possuem diferente concepção sobre a necessidade da prática escolar? Em pesquisa realizada por Paro (2000) dentro de uma unidade escolar (pública) paulistana, a opinião de educadores e de pais é no mínimo preocupante, segundo professora entrevistada, “não tão vindo mais interessados em aprender muita coisa, não. Eles vêm mais para brincar, para conversar com os amigos, pra não ficar na rua; os pais mandam, só preocupados em não ficar na rua”. Segundo a educadora, para muitos pais o que realmente importa é que haja um local seguro e adequado para “depositar” seus filhos enquanto trabalham.

Alguns pais que realmente consideram a escola como depósito de criança, esquecem que a escola trata-se de instituição de ensino de conhecimentos gerais e práticas de cidadania, deixando de lado a importância da interação da família com a educação de seus filhos e o ambiente escolar, desprezando a importância que a aprendizagem possui na vida dos filhos, tanto a escolar quanto a familiar. Segundo BERGER e LUCKMANN, “a socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A

socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.” (BERGER; LUCKMANN, 1973)

Portanto, se em sua socialização primária o indivíduo é instruído que a escola é apenas um ambiente de abrigo, onde a instrução das diversas disciplinas e discussões sociais são desprezadas, posteriormente haverá grande dificuldade do ponto de vista escolar a reversão dessa ideologia, já que ainda segundo BERGER e LUCKMANN (1973), a socialização primária tem uma facilidade muito maior de aceitação para o indivíduo, tendo a estrutura da socialização secundária que “assemelhar-se à da socialização primária” para possuir maior valor.

## 2.1 O PAPEL DOS PAIS

Segundo Fevorini: “há uma sensação entre os educadores, reforçada pelo pensamento de alguns intelectuais, de que essa “nova” família parece não ser capaz de cumprir algumas funções educacionais que são a base para a educação escolar e delega essa tarefa para a escola” (FEVORINI, 2009). Tal autora se refere à mudança do “padrão” familiar que havia na sociedade brasileira e de outras civilizações, onde o homem era responsável pelo sustento financeiro e a mulher do lar e dos filhos. Portanto com os altos índices de crianças criadas apenas por um dos pais, e mais ainda pelas que possuem ambos da figura paternal com jornada diária de trabalho, já não há mais tempo para o auxílio à educação dos filhos. De acordo com Adorno e Horkheimer (1978), a família cada vez menos cumpre suas funções relacionadas à aprendizagem.

E quais seriam as funções que competem aos pais em relação à educação da criança? Segundo Ferhman, Keith e Reimers (1987), o envolvimento parental é demonstrado a partir de interações dos pais na realização dos trabalhos escolares dos filhos, no diálogo de encorajamento e de reforço direto de comportamentos que produzam melhora no desempenho acadêmico, o que supõe suporte e acompanhamento das atividades diárias e do progresso escolar da criança. Além disso, disponibilizar para a criança um ambiente familiar e materiais propícios ao estudo, e envolver-se de forma contínua com as atividades e reuniões escolares são fatores indispensáveis para a competência dos pais como apoiadores à educação.

Segundo Perrenoud (1999), a imposição da escolaridade de forma obrigatória permitiu às crianças a garantia de instrução, de proteção quanto à exploração e aos maus-tratos. Porém é extremamente questionável o autoritarismo com que a escola exerce seu “poder” sobre a criança, já

que considera que a família não tem liberdade nenhuma quanto à educação da criança e os pais possuem papel de “atores”, seguindo o roteiro instituído pela escola.

## 2.2 O PAPEL DA ESCOLA

Segundo Barbosa (2004): “o trabalho do professor é fazer o aluno se debruçar sobre a realidade, tentando entendê-la”. A escola é o local onde a criança inicia o processo de socialização. Segundo Colls (2004) a socialização acontece por meio de três processos, são eles: os processos mentais de socialização, os processos afetivos de socialização e os processos condutuais de socialização. Os processos mentais de socialização equivalem ao conhecimento dos valores, regras, instituições, aprendizagem da linguagem e dos saberes transmitidos pela escola. Os processos afetivos de socialização, expressam-se por meio da empatia, do apego e da amizade. E por fim, os processos condutuais de socialização abrangem a aprendizagem de regras consideradas socialmente admissíveis, buscando conter as não admissíveis. Dentro dos processos de socialização temos como principal objetivo, condicionar o comportamento, fazendo com que a criança siga as regras e busque fazer apenas o que é considerado correto, sendo assim a instituição escola atua positivamente no processo de socialização das crianças, pois é ela quem irá introduzir a criança nesse meio. Mas, a escola além de ensinar regras também capacita o aluno para modificar a sociedade em que vive.

Gardner (1998) e Sternberg (1999) consentem que as competências múltiplas são auxiliadas as pessoas para que consigam bons resultados na vida em sociedade. Sendo sugestionados por estes autores, os profissionais da área da educação estão sendo preparados para colocar essa teoria em sala de aula. Sendo assim, os profissionais devem adaptar as práticas educacionais, não deixando que os saberes que os alunos adquirem não caiam no senso comum, não nos basta saber o que fazer, deve-se saber como fazer, como aplicar o que se sabe, visando sempre o melhor para a criança. Lembrando que o profissional tem de incentivar e respeitar como a criança aprende.

## 2.2 O CUIDADO COM A CRIANÇA

É na escola onde temos contato direto com a socialização e aprendizado, é nela onde passamos boa parte de nossas vidas nos desenvolvendo, criando conceitos, valores, expectativas futuras e os cuidados necessários para um bom desenvolvimento escolar:

“o cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção de saúde. Para se atingir objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento os das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseadas em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades sócio-culturais.”(BRASIL, 1998, p. 25).

É dever da escola dar condições para um bom aprendizado proporcionando cuidados, auxiliando a criança a desenvolver o físico motor, intelectual e cognitivo com reforços positivos onde se gera futuras respostas positivas. Segundo Skinner (1972): “ Um professor, ao montar uma situação de aprendizagem, deve sempre se questionar sobre os reforçadores que estão e irão ser utilizados e na forma como estão dispostas as contingências de reforço. Essas questões podem levar o professor a rever a sua estratégia de ensino, tornando-a mais eficaz.” É fundamental a participação de um adulto para o desenvolvimento do indivíduo é com um adulto que a criança entenderá e terá como modelo todo o aprendizado, o convívio com um adulto possibilita a criança a identificar melhor as possibilidades de resoluções de problemas:

“os conceitos se formam e se desenvolvem sob condições internas e externas totalmente diferentes, dependendo do fato de se originarem do aprendizado em sala de aula ou da experiência pessoal da criança. Mesmo os motivos que induzem a criança a formas os dois tipos de conceito não são os mesmos. A mente se defronta com problemas diferentes quando assimila os conceitos na escola e quando é entregue aos seus próprios recursos.” (VIGOTSKY, 1998, p. 108)

### **2.3 A NECESSIDADE DE LIMITES NA VIDA DA CRIANÇA**

A relação que os adultos têm com as crianças é fundamental para o desempenho familiar e escolar, pois elas precisam muito mais que amor e atenção, é preciso também que elas tenham limites e regulamentos, se não muitas vezes eles poderão ter grandes dificuldades de socialização. Manter os princípios que os pais dão aos seus filhos é algo que deve passar de geração em geração, obediência, honrar os mais velhos, respeitar o próximo, não se deve mudar com a modernização, aliás, são esses princípios que nunca saem de moda. Educar uma criança é muito mais difícil que apenas criar. A criança precisa de exemplos que venham de seus pais, atenção no dia- a- dia, respeito, diálogos e paciência.

Dizer "não" para uma criança não será algo traumático para ele, muito pelo contrário, faz super bem, mostrará até onde ele pode ou não ir. Tem que ser objetivo e firme, pois só assim a criança se sentirá segura para explorar e aprender, tanto na escola quanto em casa.

Impor limites na vida da criança talvez seja algo mais importante no desenvolvimento dela, pois não está ligado somente ao ambiente familiar ou escolar, mas sim em um conjunto que cabe a todos os envolvidos diretamente com o mesmo. E como colocar esse limite-corriger, bater, castigar ou brigar? - Hoje é muito mais fácil educar uma criança do que antigamente, na época da palmatória os pequenos não eram respeitados e seus direitos eram inexistentes, entretanto a sociedade está aprendendo aos poucos, eles têm direitos como todos os outros cidadãos, e até mesmo precisam do dobro de cuidados:

“Com as mudanças ocorridas durante o século XX, tanto no campo das relações humanas como no da educação, as pessoas foram aprendendo a respeitar as crianças, entendendo que elas têm, sim, querer (há pouco mais de três décadas nossos pais diziam com toda segurança "criança não tem querer", quem não lembra?), gostos, aptidões próprias e até indisposições passageiras — exatamente como nós, adultos”. (ZAGURY,2001, pg.3)

Saber dizer não é colocar limites nas crianças, não é uma tarefa tão fácil como parece. “Sabe qual é a maneira mais certa de deixar seu filho infeliz? Acostumá-lo a receber tudo.” Essa frase foi escrita pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau, no livro "Emílio ou Da Educação", em 1762. Essa citação continua valendo perfeitamente nos dias de hoje. Se você der tudo o que a criança quer, fizer todos seus desejos, ela achará que é tudo fácil. Ensiná-los a lidar com suas frustrações e decepções, torna-os cada vez mais seguros e compreensivos, pois todas as atitudes têm suas consequências sejam elas boas ou ruins, e a criança desde pequena tem que aprender a lidar com esses fatos.

A criança, ao perceber, que o “não” foi determinante o aceitará bem. Quando nota a existência de outras probabilidades e oportunidades, bem como compreende os argumentos bem fundamentados e sente-se confiante em sua relação com o adulto a negação será aceita pela criança de modo mais compreensivo.

Isso só se torna concreto quando o adulto é coerente e cumpre com o que foi acordado e conversado com a criança. Qualquer tipo de comunicação é válido neste caso. Por meio dela transmitimos valores, conceitos próprios, contemplações, premências,

sentimentos e intenções, conscientes e também inconscientes. Ao iniciar-se uma conversa bastantes informações são trocadas, transmitindo novas ideias e constituindo uma relação positivamente mais forte entre ambas as partes.

Os pais que julgam seus filhos por não conseguirem completar o “dever de casa”, por não arrumar seu próprio quarto, ou até mesmo brigar com o coleguinha só conseguirão passar uma imagem negativa à criança. Acabam transmitindo conceitos que não o farão bem.

Zagury (2011) ressalta em sua obra que: “dar limites não é dizer ‘não’ para tudo. É dizer ‘não’ para o que é necessário dizer ‘não’ e ‘sim’ para tudo o que é possível dizer ‘sim’”. Não ser radical é a forma mais adequada de ser punível, porém não exagerado, não querer mostrar autoridade, mas sim que vocês (a criança e o adulto) fiquem no mesmo nível. Por vezes, mostrar que limites também têm limites, é zelar pelo bem do filho.

Testar a paciência é algo extremamente ‘normal’ quando falamos de crianças, choramingar e implorar logo após ouvir um “não” é normal, pois segundo Tiba: “quando a criança escuta, mas não ‘ouve’ a repreensão, ela tenta outra vez. Assim como tentará mais outras vezes se ela não sentir autoridade na repreendedora”. Mas não se preocupe, você não se tornará um monstro por colocar certos limites, só mostrará o quanto prezamos pelas crianças, sendo elas filhos, alunos, ou seja, qualquer outro vínculo que ela tenha com você, pois a princípio, você talvez ache difícil tomar essa posição firme e a criança poderá achar difícil aceitá-la, todavia, será determinante para a educação e o crescimento dela. Nos casos em que a autoridade dos pais começa a perder um pouco a força, passa a ser ainda mais dividida entre professores, que apenas querem mostrar o limite certo também, só que muitas vezes as ideias não batem. Neste período, começa o contraste das responsabilidades. Portanto, use a proibição somente nos casos em que a argumentação não é suficiente para a criança. O elogio torna-se o melhor a fazer quando merecido. Isso não significa que tem de parabenizar só quando a criança acertar, mas também quando ele se empenhar para conseguir. Quanto mais velha a criança, mais trabalho dá para colocar limites, por isso não tenha medo colocar o limite, e colocar a criança ‘na linha’ quando ela realmente precisar.

As crianças precisam de regras claras, objetivas e coerentes colocadas com firmeza no momento certo, segundo Marília Macedo Klotz: “Os padrões de comportamento, bem como os limites nas relações interpessoais se perderam pelo caminho e surgiram sujeitos



com mais direitos do que deveres, mais liberdade do que responsabilidade." O estabelecimento de limites é atormentador, mas muito mais complicado é acatar. Ter de enfrentar o choro, resmungos, esperneio e a sensação provocada pela criança de que somos adultos "maus" e injustos é fatigante de tolerar. É fundamental conhecer quais os recursos mentais da criança em cada faixa etária. Por exemplo, antes dos 4 ou 5 anos é quase impossível esperar que uma criança compreenda e aceite as regras. Ela vai querer estar sempre com razão. Obrigá-la a aceitar regras antes do tempo seria um limite tolo. Porém, a partir dos 6 anos a criança já terá adquirido a capacidade para aceitar as regras e a vez dos amiguinhos.

As crianças passam pela "fase do negativismo", na qual a criança fala quase compulsivamente a palavra "não", testando seu domínio diante da autoridade do adulto. Diante disso as crianças experimentam até onde podem chegar e até onde os adultos deixam ir. Segundo Zagury (2011): “A palmada na criança só ensinará a temer o maior, o mais forte ou o mais poderoso; a perda de interesse pela atividade que estava desenvolvendo no momento em que apanhou; que o comportamento agressivo é válido”. Qualquer tipo de punição que seja diretamente à criança, mostrará um comportamento incomum e intimidante a ela.

A opção apropriada seria, então, utilizar da disciplina positiva, mas sem violência. Uma vez que a criança é agredida ela sentirá humilhada e com medo. Contudo, estas não são as únicas consequências que a violência física e verbal pode trazer à vida da criança. O mesmo que apanha também poderá ter dificuldades em respeitar e receber ordens, já que foi controlada pela força física. Ou seja, ela aprendeu a obedecer para não apanhar ou somente depois de já ter levado uma “surra”. Assim, na ausência do castigo físico, perderá o rumo e até onde poderá ir.

“É claro que, mesmo que tenhamos muita sensibilidade e que estejamos sempre incentivando o crescimento e a independência, algumas vezes eles devem saber que existe uma autoridade, alguém que decide algumas coisas por eles, que os protege até da sua própria audácia e impulsividade”. (ZAGURY, 2001, pg.58)

Lembrando que não será só a criança que perder ao ser agredida, quando o adulto parte para o ataque, só mostra o quanto ele ficou fraco diante dela, tornando-se impotente, mostrando assim, que perdeu o controle e o argumento correto, tentando fazer com que a

agressão seja o único modo de manter a autoridade. Além do que, muitos adultos se arrependem ao brigar ou bater na criança, tornando-se mais frágil ainda diante dela.

## 2.4 PRÁTICAS COERCIVAS

A coerção é a forma de punir o comportamento do outro, associada a força e violência. A família é o primeiro agente de socialização e fonte de espelhamento para determinar a personalidade de uma criança, métodos coercitivos normalmente feitos por agressão e punição física geram grandes problemas de comportamento e transtornos que aparecem no decorrer da vida de um indivíduo, como a frustração, desconfiança, altos níveis de ansiedade e falta de autoestima.

“Além de suprimir a conduta indesejada, a punição faz muitas outras coisas. Quando levamos em consideração todos os seus efeitos, o sucesso da punição em livrar-se de comportamento parece inconsequente. As outras mudanças que ocorrem nas pessoas que são punidas e, o que é às vezes ainda mais importante, as mudanças que ocorrem naqueles que executam a punição, levam inevitavelmente à conclusão de que a punição é o método mais sem sentido, indesejável e mais fundamentalmente destrutivo de controle da conduta”. (SIDMAN, 1995, p. 90).

No ambiente escolar, segundo Marinho (1998), crianças que convivem com a coercitividade sendo aplicada tendem a desenvolver déficits, comportamentos agressivos e dificuldade no aprendizado.

“Os múltiplos produtos da punição e do reforço negativo nos fornecem bases racionais para concluir que estes tipos de controle contribuem para muitos problemas e enfermidades sociais. O sucesso imediatamente visível da coerção muitas vezes parece justificar seu uso, mas os efeitos colaterais não-pretendidos, que algumas vezes aparecem muito tempo depois, anulam o sucesso imediato. No final das contas, a coerção invalida seus próprios objetivos”. (SIDMAN, 1995, p. 247).

O reforço deve ser feito de forma positiva pela escola para que não traga efeitos nocivos. É fundamental que pais e professores entendam as consequências e perigos da coerção, procurando uma maneira menos aversiva de corrigir e modificar a criança. Visto que delegações tem respostas momentâneas e geram esquivas, é necessário fazer um reforço positivo.

“Não precisamos punir para evitar ou impedir as pessoas de agirem mal. Podemos alcançar o mesmo fim com reforçadores positivos, sem produzir os indesejáveis efeitos colaterais da coerção. Uma maneira de impedir que as pessoas façam algo sem puni-las é oferecer-lhes reforçadores positivos por fazerem alguma outra coisa”. (SIDMAN, 1995, p. 248).

O reforço positivo pode ser dado por uma recompensa, onde a consequência do comportamento tornara mais provável de ocorrer novamente, o indivíduo pode passar a sentir prazer em cumprir determinada tarefa, mediante a recompensa, tornando-se mais motivado.

## 2.5 A IDENTIFICAÇÃO E O CUIDADO REFERENTES AO *BULLYING*

O *bullying* segundo Fante (2005), é o ato de desmerecer, zombar, tripudiar, ou agredir o outro causando danos físicos e psicológicos. Essa nomenclatura é traduzida do inglês que significa agressão verbal ou física para com o semelhante, surgida no início da década de 1970 e que se tornou uma das formas de violência que mais cresce no mundo e que ainda segundo o autor:

“É um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam ridicularizam e infernizam a vida de outros levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.” (FANTE, p. 28. 2005)

A prática acontece pela necessidade que o agressor tem de demonstrar poder e se auto reafirmar, a vítima sofre calada com medo de incriminar seu agressor. Segundo Tiba a vítima pode vir a desenvolver uma depressão, estresse, desejo de vingança, dificuldades para se relacionar, entre outros problemas. Tiba afirma que no caso do *bullying* o agressor sempre se mostra mais forte psiquicamente, fisicamente e socialmente usando desses atributos ele coage a vítima que torna-se incapaz de reagir, e se a vítima tentar reagir o agressor usará uma ameaça dizendo que fará algo pior caso ele tente defender-se ou contar a alguém o que está acontecendo, e em geral a vítima é uma pessoa introvertida, tímida, fraca, e possui amigos com as mesmas características fazendo com que o agressor possua mais de uma vítima. Por este e outros fatores é que o número de agressores é menor que o número de vítimas.

Para combater esse mal se faz necessária a colaboração da família para com a escola, pois agindo em conjunto será mais fácil ajudar o aluno (a). Deve-se encorajar as testemunhas a dizer o que sabe, pois ao se calar tornam-se cúmplices do agressor, não importando a maneira de como seja passada essa informação (bilhete, e-mail...). Para com a vítima e o agressor se faz necessário que todos os adultos da escola redobrem a atenção para com esses alunos (a), pois não basta apenas punir o agressor, pois o agressor pode apenas refletir em suas atitudes o que ele próprio passa em casa com os pais.

Uma boa maneira de resolver o problema pode ser fazendo uma reunião com a turma onde o professor (a), diretor (a), ou pedagogo (a) assumam a figura de conciliador e ajude os alunos a ver a seriedade do problema e possam eles mesmos resolvê-lo de maneira que venha conscientizá-los. Mas para que seja possível solucionar o problema o próprio educador deve conhecer o *Bullying*, como ele se manifesta. E infelizmente na formação do profissional existe uma falha, pois quando o mesmo se depara com essa situação se vê perdido. Conforme Pavan (2007, p. 45), “ter consciência de que o papel do professor é de extrema importância para se obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar o colega, de se dialogar ao invés de ofender e brigar é fundamental ao educador e futuro educador”.

De acordo com Morales (1999), o professor representa um modelo a ser seguido, já que aprendemos muito imitando modelos. Sendo assim, se faz necessário que professor trabalhe os temas igualdade e diversidade, para que quando surgir algum problema relacionado a esses temas não acabe tornando-se *bullying*.

### 3. METODOLOGIA

A interação entre professores e pais foi examinada por meio da análise de obras literárias, que segundo Krippendorff (citado in Vala 1990, p.103) é: “fazer inferências válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto”. A revisão literária se faz necessária para que tenhamos conhecimento destas grandes obras. Essa análise foi feita em duas etapas:

Na primeira etapa analisamos teóricos como Fevorini (2009), Perrenoud (1999), Araujo (2005), entre outros, que abordaram o tema e afirmaram que os pais devem participar do processo de aprendizagem dos filhos, pois como já é sabido, segundo Alves (2000): “É isto que eu desejo, que se reinstale (...) a linguagem do amor, para que as crianças redescubram a alegria de viver que

nós mesmos já perdemos”, ou seja, os pais devem estar presentes na vida da criança para lhe dar amor e estar presente em sua vida escolar, uma vez que a criança é estimulada ela se torna capaz de fazer, de aprender e de se superar. Mas, para que essa criança seja estimulada os pais devem ter uma boa relação com o professor, pois é ele quem irá direcionar os mesmos.

E na segunda etapa elaborou-se as orientações, pois segundo Comenius (2002) o ensino não consiste em apenas explicar conceitos. Em razão de que ensinar, e aprender é algo que desenvolveremos durante toda a vida, uma vez que não podemos observar tudo que acontece a nossa volta sem nos posicionarmos, sem agir. Os profissionais devem solicitar que os pais se tornem presentes na vida escolar da criança, e que não fiquem apenas observando, que façam algo que esteja ao seu alcance para mudar esse cenário.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como finalidade orientar pais e professores para que tenham uma boa interação, buscando sempre o melhor para o aluno. Foram analisadas obras literárias que nos possibilitaram compreender os problemas acarretados quando essa interação não se dá de maneira correta. Foi aqui apresentado também alguns assuntos polêmicos, como a imposição de limites a criança, haja vista que essa imposição se faz necessária para que a criança compreenda que na vida em sociedade, não será sempre que ela terá o que quer e quando quer. Outro assunto que gera polêmica é o *bullying*, como aqui foi apresentado, por mais que exista muita informação, na atualidade ainda é possível ver casos onde o profissional ao se deparar com esse problema fica sem ação, e claramente não é o que deve acontecer, o profissional deve se posicionar de maneira que vá defender a vítima. Mas defender a vítima não significa não dar atenção ao agressor, este merece tanta atenção e cuidado quanto a vítima, pois em alguns casos esse agressor pode estar apenas repetindo o que vive na própria casa.

Mas, prioriza-se nesse artigo, que haja a compreensão do quão importante é a participação dos pais na vida escolar da criança. Quando os pais participam ativamente da vida escolar da criança, percebe-se um maior rendimento da mesma, e nesse ato de inclusão dos pais a vida da criança reafirma-se os laços de afeto entre os mesmos, já foi comprovado em pesquisas que crianças que tem maior apoio dos pais, não importando a classe social, se os pais são presentes a criança terá um maior rendimento escolar, apresentará baixo índice de criminalidade, e irá tornar-se mais empática.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. "Família". In: Adorno, T. e Horkheimer, M. (orgs.). **Temas básicos de sociologia**. São Paulo, Cultrix, 1978.

ARAÚJO, Ceres Alves de. **Pais que educam: uma aventura inesquecível**. São Paulo: Gente, 2005.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A sociedade como realidade in A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.

BARBOSA, Márcia Silvana Silveira. **O PAPEL DA ESCOLA: Obstáculos e Desafios para uma Educação Transformadora**. 2004. 244 f. Diss. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. Ed. Campinas, SP: Verus, 2005, p.28.

FEVORINI, Luciana Bittencourt. **O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório** – São Paulo, 2009.

FERHAMANN, P.G; KEITH, T.Z; REIMERS, T.M. **Home influence on school learning: Direct and indirect effects of parental involvement on high school grades**. Journal of Educational Research, Taylor & Francis, 1987.

PAVAN, Luciana. **O papel do professor diante do bullying em sala de aula**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2007.

PERRENOUD, Philippe. Dix Nouvelles compétences pour enseigner – Paris, ESF, 1999. trad. RAMOS, Patrícia Chottoni. Dez novas competências para ensinar – Porto Alegre, Artmed, 2000.

Planalto, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)> Acesso em 22 de agosto de 2016

MORALES, Pedro. A Relação Professor-Aluno: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

TIBA, Içami. **1,2,3... A diferença entre educar e proibir**. Disponível em: <<http://www.tiba.com.br/artigo.php?id=022>>

TIBA, Içami. **Bullying: Como reconhecer o agressor e o agredido?** Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/colunas/icami-tiba/2010/05/26/bullying-como-reconhecer-agredido-e-agressor.htm>> Acesso em 26 de maio de 2010

ZAGURY, Tania. **Limites sem trauma: construindo cidadãos**. Editora Record, 2011.